

O rumor e o ciclo da calúnia na perpetuação do mal

Clara Maria Rocha de Almeida

Ganhar consciência de quem, verdadeiramente, somos é um exercício essencial, mas muito complexo, pois passa por (re)conhecer o mal em nós. Além de todas qualidades que nos constituem, somos formados, também, por “virtudes viciadas”¹, por sentimentos ruins, por um mundo de sombras. Este mundo de sombras, ou submundo interno, é terreno fértil para nossa maldade, onde ela vai se incorporando e ganhando força, embasando nossas ações e escolhas de modo que vamos adentrando um vórtice de perpetuação do mal.

Ter consciência deste submundo interno é o que nos permite optar por uma rearticulação humanística. Embarcar em um processo de autoconhecimento é o que nos possibilita a autonomia da escolha entre continuar agindo de forma a perpetuar o ciclo da maldade, ou romper essa postura e adotar uma que busque estimular nossas potências vitais e nossa constituição como Pessoa. É demasiadamente humano conhecermos nosso submundo, é uma ampliação de consciência de quem somos nós, de quem são aqueles com quem convivemos e do mundo ao nosso redor.

De modo a compreender sobre as sombras que nos integram e atuando em seu próprio caminho de humanização, a artista Irma Renault fez a obra *Alegoria da Calúnia*, que ilustra nosso submundo interno. O quadro é composto por quatorze figuras, sendo elas: Calúnia, Credulidade, Ignorância, Desconfiança, Sarcasmo, Inocência, Hipocrisia, Má-Fé, Inveja, Remorso, Culpa, Artifício, Maledicência e Verdade por ouvir dizer. Quando estamos agindo imbuídos por qualquer uma destas figuras, nesta matriz de sentimentos, estamos dentro do ciclo da calúnia, perpetuando o mal.

Assim, o que se pretende com este texto é avançar no entendimento sobre o mundo de sombras que nos constitui, a partir do estudo sobre a obra de Irma Renault, de forma a possamos entender como se dá a relação entre as figuras representadas, como essa relação reflete em nosso processo de tomada de decisão e quais as consequências deste modo de agir.

Face à complexidade do assunto e os vários desdobramentos que dele pode surgir, será dado foco na compreensão do caminho que é percorrido dentro desta matriz de sentimentos que nos leva a agir para exterminar o outro, dando peso às figuras do ciclo da calúnia, e o papel do rumor² neste processo. Ainda, de forma a ampliar a compreensão da obra *Alegoria da Calúnia*,

¹ Termo que a Jane usou no grupo – conferir se o termo cabe mesmo neste sentido e referenciar.

² O rumor, nas análises feitas neste texto, é tido como sinônimo de fofoca.

e conseqüentemente das questões humanas acima mencionadas, serão utilizadas outras linguagens artísticas, sendo elas a peça Macbeth, de William Shakespeare, e o filme O Trono Manchado de Sangue, de Akira Kurosawa.

Assim, este texto se dividirá em três momentos, sendo que em todos as análises serão feitas considerando as figuras do quadro Alegoria da Calúnia e suas relações, já que são nosso ponto principal de análise. Em um primeiro momento será abordado o papel do rumor em impulsionar a perpetuação do mal e o extermínio do outro. Em um segundo momento, serão apresentados trechos da obra Macbeth e O Trono Manchado de Sangue, como exemplaridades, para ilustrar o desenvolver deste caminho. Por fim, serão apresentadas algumas conclusões.

O rumor na perpetuação do mal e no extermínio do outro (subtítulo provisório)

O rumor, ou o falar mal, é um termômetro sensível do nível de hostilidade que carregamos. Isso se dá pelo fato de que o falar mal se baseia em dois elementos, que funcionam como seu motor e se equilibram no destilar da **hostilidade**, o **orgulho** e a **inveja**. O **orgulho** carrega todo o **desprezo** que sentimos da pessoa de quem estamos falando, queremos fazer a pessoa se sentir humilhada, envergonhada pelo que fez. A **inveja** traz um desdém, uma crítica, nos faz crescer e olhar o outro de cima para baixo, mas mostra a vontade que temos de fazer o mesmo que o outro ou ter o que ele tem. Assim, o rumor se baseia neste **desprezo invejoso**³, que é o que nos leva a falar mal de alguém, mas também o que faz com que ele espalhe com facilidade – outras pessoas também sentem o **desprezo invejoso**.

Ainda, para que o rumor corra com facilidade, fazemos uso de uma comunicação ambígua, transmitimos uma mensagem sem muitos detalhes e sem conhecermos a completude dos fatos, ou seja, é uma **informação parcial tendenciosa**, que encontra um **ouvinte interessado**. Em consequência, este o terceiro não verifica a veracidade da mensagem, seja por **ignorância**, por **credulidade** ou até mesmo pelo simples fato de a mensagem contar algo que condiz com suas **ambições** e **intencões**. Fato é que, além de não se fazer uma verificação da mensagem, a pessoa que a escuta ainda passa a informação para frente, acrescentando outros pontos e distorcendo-a, ou seja, quem fala mal e quem escuta apresentam a mesma **conduta perversa** na rede de transmissão do rumor e **perpetuação do mal**.

Deste modo, passamos a pautar nossas atitudes por esses sentimentos de **desprezo** e **inveja**, vamos colhendo as informações tendenciosas dos rumores, juntando tudo de modo que

³ Termo de Melanie Klein – citação indireta gaiarsa pg 53

nos seja conveniente, tudo isso vai se misturando e fermentando a **aversão do outro** em nós, até chegar ao ponto de que a existência dele se torna insuportável. Essas atitudes podem ser mensuradas em uma gradação de ações violentas⁴, que crescem proporcionalmente ao nível de **hostilidade** que possuímos, e se divide em: **falar mal, evitar o contato, discriminar, atacar fisicamente e exterminar**.

Apesar do **rumor** ser a primeira etapa neste desenvolvimento, ele também pode ser identificado em todos os demais níveis, considerando que não seria possível alcançar o nível de **exterminação do outro** sem a existência do rumor, já que ele “multiplica fofocas, fuxicos, maledicências, difamações, injúrias.”⁵ Tem-se que, quanto mais espontâneo é o falar mal, maior é o nível de hostilidade que ele carrega.

Assim, o rumor é o ponto inicial e, também, o vetor de sustentação e proliferação desta rede diabólica de violência, que se alimenta de sentimentos como **inveja e desprezo** e tem como raiz a vontade de **extermínio do outro**.

A partir destes apontamentos iniciais, podemos dar continuidade e enriquecer nossa análise com as exemplaridades presentes nas obras *Macbeth* e *O Trono Manchado de Sangue*, tendo como fio condutor as figuras do quadro *Alegoria da Calunia* e o papel do rumor.

⁴ Essa escala foi elaborada por Gordon W. Allport, em seus estudos sobre a natureza do preconceito, para demonstrar o avanço das ações no processo de exclusão social.

⁵ Texto Ely. Pg. 14

A peça e o filme (subtítulo provisório)

A peça se passa na Escócia, e a trama se inicia com um rumor contado pelas Três Irmãs Estranhas para Macbeth. Ao retornar de uma batalha, em que consagrou uma vitória surpreendente, Macbeth, barão, general do exército e primo do Rei Duncan, é saudado pelas Três Irmãs Estranhas com uma predição sobre seu destino: *Salve Macbeth, aquele que no futuro será Rei*⁶.

A mensagem, que não traz maiores detalhes sobre como essa ascensão ao trono ocorreria, vivifica uma antiga **ambição** por poder existente em Macbeth, que ao ser nomeado Barão de Cawdor, passa a crer na predição das Irmãs Estranhas e afirma:

Essa sedutora, sobrenatural proposta não pode ser maléfica; não pode ser decente. E se for maléfica? Por que me deu um sinal de sucesso futuro, inaugurando-o com uma verdade? Sou o Barão de Cawdor. E se for decente? Por que me rendo a tal sugestão, cuja horrível imagem descabela-me e incita meu coração sereno a escoicear minhas costelas, contra os costumes da Natureza? Os temores do presente são menores que as horríveis figuras da imaginação. Meu pensamento, este que em si acolhe um assassinio não mais que fantasioso, sacode de tal maneira o reino de minha condição humana e única, que toda ação fica asfixiada em conjeturas, e nada mais existe, a não ser o que não existe.”.

Nesta fala, a **credulidade** de Macbeth se faz presente, que não apenas acredita na profecia que lhe foi dita, mas passa a se colocar em tensão⁷ para a realização do ato que o coroaria como rei, o assassinato.

Os acontecimentos que se seguem vão alimentando a **ambição**, a **má-fé** e a **inveja** de Macbeth, de modo que ele passa a enxergar as outras pessoas como obstáculos, o que pode ser visto no momento em que afirma:

⁶ A Três Irmãs estranhas predizem, também, que antes de se tornar Rei, Macbeth, que era Barão de Glamis, receberia o título de Barão de Cawdor.

⁷ Aqui a expressão ‘em tensão’ foi utilizada no sentido de intenção – em tensão muscular “se estou com intenção de, então estou com o corpo preparado e inclinado para – na direção da ação ou do objeto da ação.

“Príncipe de Cumberland⁸! Este é um degrau que devo galgar; do contrário, tropeço, pois ele se encontra em meu caminho. Estrelas, escondam o seu brilho; não permitam que a luz veja meus profundos e escuros desejos. Que o olho se feche ao movimento da mão; e, no entanto, que aconteça! Que aconteça aquilo que o olhar teme quando feito está o que está feito para ser visto.

O relato de todo o ocorrido, feito por Macbeth à sua esposa, Lady Macbeth, que é também um rumor, demonstra de forma mais clara sua intenção, e tem-se em destaque a **cumplicidade** na relação dos dois, no momento em que, ao situá-la como sua *adorada parceira na grandeza*, afirma fazer tal relato para “que não se passasse em branco os teus [de Lady Macbeth] direitos de regozijo, para que não ignores as grandezas que a ti estão prometidas.”

Deste momento em diante, desvela-se toda a **determinação perversa** de Lady Macbeth, que, baseada em sua **vaidade, ambição, inveja, má-fé**, se dispõe prontamente a fazer uso dos artifícios necessários e destilar nos ouvidos de Macbeth a **maldade** para que o assassinato de fato se concretize. “Apressa-te em vir para cá, e que eu possa em teus ouvidos derramar meu inebriante vigor, e que eu possa, com a ousadia de minha língua, açoitar tudo o que interpõe entre tua pessoa e o círculo de ouro com o qual parece ter te coroado o Destino e o auxílio sobrenatural. ”

Ao se encontrarem, Macbeth e Lady Macbeth travam um diálogo importante para os desdobramentos seguintes. A todo tempo Macbeth, apesar de afirmar seu desejo pela coroa, diz que não quer ser rei e que não cometerá o assassinio, o que faz com que sua esposa siga, se aproveitando de sua **inocência e credulidade**, vá atiçando sua **vaidade, ganância e ambição** pelo trono, pintando-o como **covarde** por não querer agir conforme seus desejos.

Lady Macbeth

[...] Deixa que o teu “Não me atrevo” fique adiando tua ação, até que o teu “Eu quero” aconteça por milagre; como a gata, coitadinha, que queria comer o peixe mas não queria molhar a pata.

Macbeth

⁸ Filho primogênito do Rei Duncan, herdeiro do trono.

Imploro-te paz! Atrevo-me a fazer tudo o que é próprio de um homem. Quem se atreve a mais, homem não é.

Lady Macbeth

Quem foi, então, o animal que o obrigou a mencionar para tua esposa esse plano arrojado? Quando te atreveste a fazê-lo, então sim, eras um homem! E, para seres mais do que eras, terias de ser muito mais homem. Nem o momento nem o local eram propícios, e no entanto desejaste criá-los, os dois. Eles agora se apresentam, e sua conveniência é tal que te aniquila! Já amamentei, e sei como é bom amar a criança que me suga o leite. E, no entanto, eu teria lhe arrancado aquela criancinha ainda a sorrir para mim, teria lhe rachado a cabeça tivesse eu jurado fazê-lo, como tu juraste fazer o que quereres fazer.

Macbeth

E no caso de fracassarmos?

Lady Macbeth

Nós, fracassarmos? Estica as cordas no alaúde de tua coragem, e não falharemos. Quando Duncan estiver dormindo (e para a cama sadiamente o terá convidado a dura jornada do dia de hoje), seus dois camareiros encarrego-me eu de dominar com vinho e, de brinde em brinde, não será mais que vapores a memória, essa sentinela do cérebro, e não será mais que alambique esse recipiente da razão. Quando estiveres dormindo como dois porcos, duas naturezas encharcadas, dois corpos numa espécie de morte estirados, o que não podemos, tu e eu, aplicar no indefeso Duncan? ...que não se possa impingir a seus dois oficiais-esponja? ...que vão carregar a culpa do nosso formidável crime de morte?

Macbeth

Dá à luz tão somente filhos homens. Teu ardor destemido não deve compor filhos que não sejam másculos. Qual a possibilidade de não acreditarem (depois que tivermos com sangue marcado aqueles dois que se plantam a dormir nos

próprios aposentos de Duncan, depois que tivermos usado suas próprias adagas) que foram eles que perpetraram o ato?

Lady Macbeth

Quem ousará não acreditar, uma vez que rugirão nossos penares, nosso clamor sobre a morte dele?

Macbeth

Encontro-me agora determinado e, tensionada está cada fibra do meu corpo, em prontidão para este terrível feito. Vamos! Que se enganem os outros com nossa aparência mais serena. Aquilo que sabe o coração falso, a cara falsa deve esconder.

O assassinato ocorre e, como desdobramento, uma série de outros crimes são realizados por Macbeth, na tentativa de lhe trazer segurança na ocupação do trono. Entretanto, os acontecimentos alimentaram a **desconfiança**, o **temor** e o **remorso** de Macbeth, até o ponto em que ele acaba caindo em **delírio**.